



**NARRATIVAS DE SI, SUBJETIVIDADE E NEOLIBERALISMO: UMA  
ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE PROJETO DE VIDA DO NOVO  
ENSINO MÉDIO**

**SELF-NARRATIVES, SUBJECTIVITY AND NEOLIBERALISM: AN  
ANALYSIS OF THE DIDACTIC COLLECTIONS LIFE PROJECT FROM THE  
NEW HIGH SCHOOL**

Wyllamy Samuel da Costa<sup>1</sup>

Francisco Vieira da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo consiste em analisar como as narrativas de si são mobilizadas para construir a subjetividade do jovem do novo ensino médio, a partir do exame de materiais didáticos do Projeto de Vida, com vistas a perscrutar de que maneira essas narrativas são desviadas de sua função formativa para atender aos interesses da racionalidade neoliberal. Para tal, foram selecionados para análise enunciados extraídos de seis (6) livros didáticos de Projeto de Vida aprovados no Programa Nacional do Livro e do Material Didático, edição de 2021. O exame do material estudado permitiu observar que as narrativas de si se distanciam de sua função formativa, ao servirem a finalidades utilitaristas da racionalidade neoliberal.

**Palavras-chave:** Narrativas; Subjetividade; Neoliberalismo; Projeto de Vida; Novo ensino médio.

**Abstract:** The aim of this paper is to analyze how self- narratives are mobilized to construct the subjectivity of young people in the new high school, based on an examination of the Life Project teaching materials, with a view to examining how these narratives are diverted from their formative function in order to meet the interests of neoliberal rationality. To this end, statements taken from six Life Project didactic books approved by the National Book and Didactic Material Program, 2021 edition, were selected for analysis. An examination of the material studied showed that the self-narratives are distanced from their formative function, as they serve the utilitarian purposes of neoliberal rationality.

**Keywords:** Self- Narratives; Subjectivity; Neoliberalism; The Life Project; New high school.

## 1 Introdução

O Novo Ensino Médio (NEM) estabeleceu-se por meio da Lei federal nº 13.415/2017 e sustentou na promessa de modernização para essa fase da educação básica, a fim de torná-la mais flexível e alinhada às demandas do mercado de trabalho contemporâneo. As alterações implicam uma nova organização curricular e, nesse

---

<sup>1</sup> Mestre em Ensino pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: [wylamysamuel@gmail.com](mailto:wylamysamuel@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), *Campus* Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: [francisco.vieiras@ufersa.edu.br](mailto:francisco.vieiras@ufersa.edu.br)



contexto, as estratégias de renovação gravitam em torno da ideia do protagonismo do sujeito estudante.

Isso significa que o estudante poderá escolher quais áreas do conhecimento deseja se aprofundar, fazendo isso por meio de itinerários formativos, a partir da orientação do componente curricular transversal Projeto de Vida (PV), que busca traçar um perfil do sujeito, tendo como intuito reconhecer quais os objetivos e desejos dos jovens<sup>3</sup>. Vianna (2024) explica as condições sociais e políticas nas quais irrompeu a reforma do ensino médio no Brasil, dentre as quais pode-se mencionar o afastamento de Dilma Rousseff e a ascensão do então vice-presidente Michel Temer que favoreceram a atuação flagrante de grupos ligados a setores empresariais e, desse modo, buscou-se estabelecer um projeto societário e educacional alinhado a uma agenda internacional.

No interior de tal agenda, as políticas públicas condicionam-se aos interesses do mercado e a educação é continuamente afetada por um modo de governança pautado na lógica empresarial. Assim, as orientações da educação básica se organizam por meio de habilidades e competências, descritas por meio dos documentos curriculares dos entes federativos e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). As noções de competências, para a BNCC, buscam desenvolver habilidades, autonomia e valores (Brasil, 2018), como tentativa de centralizar o foco no sujeito discente, tornando-o protagonista de seu processo de formação escolar.

Nesse sentido, é possível dizer que as dez competências listadas pela BNCC levam o estudante a pensar sobre suas condutas e o contexto em que se insere, bem como engendram uma reflexão sobre a identidade, conduzindo esses estudantes a encontrarem em suas próprias histórias de vida os mecanismos necessários para o autoconhecimento. Parafrazeando as competências oito e dez, de modo mais específico, entendemos que o sujeito inserido na educação básica deve conhecer-se, apreciar-se, cuidar de sua estabilidade emocional, agir de forma autônoma no coletivo e no pessoal, ser resiliente, flexível e determinado ao tomar decisões (Brasil, 2018).

Por meio dessas competências, erige-se uma organização curricular fundada nos preceitos da racionalidade neoliberal, pois, conforme explicam Soler *et al.* (2021), as

---

<sup>3</sup> Conforme regula a lei 13.415/17, o novo ensino médio apresenta como estrutura curricular os itinerários formativos, os quais perpassam as grandes áreas de conhecimento: linguagens e suas tecnologias; matemática e suas tecnologias; ciências da natureza e suas tecnologias; ciências humanas e sociais aplicadas e a formação técnica e profissional (Lopes, 2019). Nesse contexto, surge o Projeto de Vida, componente que apresenta uma continuidade ao longo dos três anos. Importa destacar que as mudanças realizadas nessa lei, a partir da consulta publicada realizada pelo Ministério da Educação no âmbito do terceiro mandato do presidente Lula, não afetaram decisivamente esse formato.



relações de poder em torno do ensino médio promovem o desejo pela autopromoção, sustentadas pelo PV, quando enfatiza a necessidade de formular um plano de carreira pautado no êxito e em escolhas de vida assertivas. A ideia de liberdade de escolha ofertada aos estudantes do NEM se configura como um sistema de regulação e governo do sujeito, numa relação pautada pelo interesse e pela concorrência (Dardot; Laval, 2016).

O raio neoliberal incide sobre a subjetividade de cada sujeito, pois, para além de uma organização política econômica, o neoliberalismo objetiva gerir as ações daqueles que são governados, ou melhor, visa promover um autogoverno, por meio do princípio de é preciso conhecer-se e desenvolver determinadas competências e habilidades (Dardot; Laval, 2016). Nesse sentido, o jovem do NEM é levado a se decifrar na tentativa de encontrar na sua própria história de vida os encaminhamentos necessários para a construção de seu projeto de vida. Este, por seu turno, não representa um conhecimento escolar historicamente produzido, senão uma tentativa de incorporação de premissas do modelo econômico vigente no sistema educacional (Ruggieri; Veloso, 2024).

Assim, o estudante do NEM pensará no futuro, tomando como fundamento a construção de sua identidade. Para Passeggi (2021), quando um sujeito narra sobre si, é levado a se construir enquanto sujeito, formulando uma concepção sobre sua posição social, o que significa compreender condutas, sonhos, perspectivas e desejos. Esse gesto autobiográfico permite investigarmos como essas propostas de formação na educação básica, ao mobilizarem as narrativas de si, alia-se a interesses neoliberais, tendo em vista a conexão dos desejos pessoais e atitudes individuais na construção de um PV.

Para tanto, analisamos coleções didáticas, aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material didático (PNLD) na edição de 2021. Segundo expressa o Guia do PNLD, as obras didáticas foram construídas e aprovadas, tendo como intuito alcançar três dimensões “[...] ligadas à subjetividade, à formação cidadã e ao planejamento do futuro dos estudantes nessa etapa da escolaridade” (Brasil, 2021, p. 29). No foco deste estudo, centramos o interesse no primeiro eixo, porque entendemos que a partir dele será possível discutir como as narrativas de si são mobilizadas em tais materiais didáticos.

O *corpus* deste trabalho foi selecionado por meio dos seguintes critérios: a) que o livro didático tivesse sido aprovado pelo PNLD e estivesse, portanto, alinhado com a BNCC; b) que apresentasse uma seção que expusesse o PV, bem como solicitasse algum tipo de descrição pessoal do estudante, levando-o a produzir uma narrativa sobre si mesmo.



Diante de tais critérios, escolhemos recortes extraídos de seis livros didáticos, a saber: *Planejando a jornada: um guia para seu Projeto de Vida* – de Bia Monteiro, editora Evoluir; *#Meufuturo* - de Erlei Sassi Júnior; Fernanda Celeste de Oliveira Martins Sassi, editora FTD; *Pensar, Sentir e Agir* – de Leonardo de Perwine Fraiman, editora FTD; *GPS: Guia de protagonismo do século XXI* – de Roberta Amendola, editora Saraiva; *Tercer o futuro* – de Maria Tereza Arruda Campos, editora Saraiva; *#Vivências* - de Isabella Alchorne e Sofia Carvalho, editora Scipione.

No que tange à classificação metodológica deste trabalho, pontuamos que se trata de um estudo descritivo-interpretativo, tendo em vista que empreendemos uma análise descritiva e interpretativa dos livros didáticos de PV, de cunho qualitativo, pois buscamos examinar o fenômeno investigado, porque, dentre outros fatores, envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato do pesquisador com o objeto e enfatiza mais o processo que o produto (Lüdke; André, 2018). Ademais, destacamos a natureza documental dos dados, entendendo documento, conforme Paiva (2024, p. 168), “como registros da vida cotidiana, particulares ou privados, produzidos em diversos modos e mídias”.

Partindo disso, o objetivo deste trabalho consiste em analisar como as narrativas de si são mobilizadas para construir a subjetividade do jovem do NEM, a partir do exame de materiais didáticos do PV, com vistas a perscrutar de que maneira essas narrativas são desviadas de sua função formativa para atender aos interesses da racionalidade neoliberal.

Para subsidiar as análises, ancoramo-nos principalmente em Delory-Momberger (2011; 2014), Passeggi (2011), Cunha e Passeggi (2020), no fito de refletir sobre a questão das narrativas e das histórias de vida no esteio da pesquisa autobiográfica, em Foucault (1995; 2004), para discutirmos a noção de subjetividade, bem como em Dardot e Laval (2016), com o intento de pensarmos a respeito da constituição da racionalidade neoliberal.

## 2 Notas sobre narrativas de si e a construção da subjetividade

Para pensarmos as narrativas de si, é importante compreendermos o reconhecimento do sujeito como um exercício de apropriação de sua própria história, porquanto narrar permite dar sentido à história de vida. Conforme explica Delory-Momberger (2014, p. 36), o sujeito ao longo da vida se apropria de sua história no momento em que narra sobre si, em um contínuo movimento de revisar o passado para ter acesso e atribuir sentido ao que foi vivido e, portanto, “biografias, autobiografias,



diários, correspondências, memórias, constitui o material privilegiado para ter acesso à forma como os homens de época, de uma cultura, de um grupo social, biografam a vida”.

Tendo em vista esses objetivos, destacamos que o ato de narrar é um processo intrínseco a cada sujeito (Passeggi, 2011), porque possibilita reconhecer a si mesmo, refletir sobre as condutas, podendo desempenhar um processo transformador. Por isso, a narrativa de si como possibilidade de formação permite que o sujeito busque seu lugar social. De tal modo, esse sujeito pode conhecer a si mesmo e assumir um papel responsável e autônomo, supondo “[...] que deve trilhar seu caminho na vida, que deve achar seu lugar na sociedade” (Delory-Momberger, 2011 p. 339).

É essa ideia que é tomada pela racionalidade neoliberal e fortemente marcada no NEM, pois a reflexão pelo dever de uma subjetividade individual e autônoma evoca noções como concorrência, possibilidades de vida, lutas, riscos, *status* e sucesso. Nas palavras de Delory-Momberger (2011, p. 339),

Podemos dizer, inclusive, que a sociedade pós-moderna, que leva cada indivíduo a se responsabilizar por si mesmo e a autorrealizar-se – enquanto as condições sociais e econômicas tornam tal autorrealização e a trajetória pessoal associada mais e mais difíceis e problemáticas –, atualiza e revigora esse modelo de construção e de realização biográfica.

Assim, podemos dizer que as estratégias da educação pautadas na ótica neoliberal não tratam das narrativas de si como instrumento pedagógico e de ensino, mas buscam governar o sujeito no interior de um regime marcado pela competição. Sobretudo, porque se busca aperfeiçoar as competências e habilidades, a partir de tecnologias de poder que conduzam o sujeito a rever suas condutas, diante do discurso que enfatiza a carência do autoconhecimento para assumir uma postura coesa e assertiva frente às exigências do mundo do trabalho.

Desse modo, o PV busca trabalhar o autoconhecimento do aluno, fazendo com que o jovem do NEM se reconheça e ressignifique seus pensamentos, valores e necessidades, afinal, a racionalidade neoliberal constitui um conjunto de dispositivos e discursos a operarem sobre o controle de si mesmo, com vistas a um bom desempenho individual (Dardot; Laval, 2016; Casara, 2021).

Por isso, o jovem do NEM é levado a agir segundo a ideia de competitividade e, para isso, deve conhecer a si mesmo, já que essa conjuntura preza pela rentabilidade e a eficácia de um sujeito que detém uma concepção de si próprio, seja um sujeito comunicativo com tenha empatia e resiliência, logo “[...] não é à toa, em termos



curriculares, que podemos constatar a centralidade da noção de competências socioemocionais no âmbito do capitalismo atual” (Silva, 2019, p.14).

Passeggi (2011, p. 147) frisa que “[...] ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se”. Pensando nisso, compreendemos que o narrar sobre si coloca o sujeito em um lugar de reflexão e planejamento sobre sua história, o que torna esse sujeito passível de aceitar novas ideias, rever posturas e desejos.

No que compete ao sujeito jovem, podemos dizer que a narrativa surge como modo de organização das condutas e que permite ao sujeito ter um acesso mais íntimo a sua identidade. Em diálogo com o pensamento de Silva e Danza (2022, p. 6),

A elaboração de uma narrativa de vida começa a ocorrer na transição da adolescência para a idade adulta, momento em que a vasta coleção de memórias autobiográficas passa a ser organizada temporal e tematicamente e a configurar uma história sobre como o sujeito se tornou a pessoa que é e quem ele deseja e pode se tornar.

Além disso, o ato de narrar a si eleva o sujeito ao lugar de protagonista, pois, enquanto autor de sua própria história, assume o lugar capaz de constituir suas condutas. A ideia de protagonista paira sobre o NEM como um argumento de aceitação para as bruscas mudanças por que passou essa etapa educacional, pois vende ao sujeito a ideia de que ele é o agente responsável pelo desempenho de sua formação (ele pode escolher o que é melhor para si, sobretudo, com as escolhas dos itinerários formativos), bem como o sucesso do seu PV, ignorando, assim, as condições sociais e econômicas de cada um, bem como as singularidades das juventudes brasileiras.

Quando direcionamos o olhar para as narrativas, fica em relevo que o ato de narrar a si promove a valorização do sujeito, “[...] oportunizando um ato de reflexão e invenção do eu, capaz de identificar, em sua própria história de vida, aquilo que foi realmente formador” (Cruz; Paiva; Lontra, 2021, p. 963).

A construção de si para o PV mostra-se fundamental e, por isso, há emergência em construir o autoconhecimento. Nesse contexto, saber gerir as competências socioemocionais é um exercício para a tomada de decisões tidas como sustentáveis, uma vez que projetar o futuro exige do sujeito escolhas, sendo necessário rever a si mesmo, adaptar-se, ser autônomo e certo das decisões a serem tomadas.

Assim, as narrativas de si promovem ao sujeito a oportunidade de ajustar-se e trabalhar as competências e habilidades que permitam a consolidação de seu PV, pois o sujeito, ao biografar sua história, pode refletir sobre seus valores e crenças, bem como



organizar-se temporalmente (Passeggi; Cunha, 2020). Dessa maneira, é possível dizer que, quando articulado de maneira coesa e sem o fulcro maior do sistema econômico neoliberal, o PV possibilita uma discussão importante para o sujeito. Como defendem Passeggi e Cunha (2020, p. 1042):

Se bem compreendido, o projeto de vida pressupõe que ele venha a contribuir para a constituição das subjetividades e do protagonismo de jovens de 15 a 19 anos, em suas escolhas e tomadas de decisão, sobretudo num momento de virada biográfica importante no seu percurso com a possibilidade legal de ingresso no mundo do trabalho, escolha de uma carreira universitária, entrada na vida adulta, para citar apenas aspectos latentes no projeto de vida.

É justamente no período do ensino médio que o jovem busca construir uma identidade – fase que coincide com mudanças que antecedem a vida adulta (Zanella; Trevisol, 2018). Em virtude disso, biografar e pensar acerca de experiências vividas faz o sujeito refletir sobre sua linguagem, gestos, posturas, condutas, desejos, sonhos, enfim, caminha para formar uma identidade.

Segundo o pensamento de Delory-Momberger (2011), biografar nossas experiências de vida possibilita ter uma dimensão ampla da nossa condição como sujeito, sendo possível interpretar o que foi vivido e projetar o futuro. Nas palavras da autora:

[...] a biografia poderia ser definida como uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções sócio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos. Tal atividade de biografização apresenta-se como uma hermenêutica prática, um marco de estruturação e de significação da experiência que permite ao indivíduo criar uma história e uma forma própria – uma identidade ou individualidade – para si mesmo (Delory-Momberger, 2011, p. 342)

Ademais, em conformidade com as aulas mencionadas na obra *A Hermenêutica do sujeito*, Foucault (2004) reflete que a subjetividade e a verdade caminham juntas para a formação do sujeito. Para tanto, o filósofo coloca em jogo as relações do princípio délfico do “conheça a ti mesmo”, compreendida como um conjunto de técnicas que, durante a antiguidade greco-romana e nos primeiros anos da era cristã, foram conjuradas para o sujeito alcançar a verdade, de modo que o conhecer a si mesmo permite ao sujeito aproximar do que considera como verdadeiro e, assim, se constituir enquanto um sujeito ético (Foucault, 2004).

Desse modo, a subjetividade, de modo geral, pode ser compreendida como o modo por meio do qual sujeito que se relaciona consigo mesmo a partir de tecnologias de poder. Compreendendo de forma melhor, Foucault (1995) evidencia que a formação do sujeito é um processo que se dá na relação com micropoderes e consigo mesmo, por compreender que a objetivação e subjetivação do sujeito não ocorrem somente de uma



maneira, mas que é o resultado de um feixe de relações. Essas relações de poder operam pela governamentalidade, de modo a levar o sujeito a adotar diferentes condutas, podendo assumir diversas posições, já que os processos de subjetivação, nos estudos do autor, ora percorrem o governo dos outros, ora o governo de si mesmo. Como nos lembra Rago (2015), Foucault indicou possibilidades de recriar a tanto subjetividade, a relação de si para consigo, bem como a relação com a alteridade, com o governo do outro.

No caso do PV, trata-se da constituição de um sujeito que é levado a se decifrar, a exercer um trabalho sobre si mesmo, levando-o ao autoconhecimento. Destaquemos, o poder pastoral, segundo descrito por Foucault (1995), principalmente por meio da prática da confissão, levaria o sujeito alcançar a salvação e se tornaria o resultado de uma perfeição desejada no ato de renunciar a si mesmo, confessar suas falhas, em diversos momentos litúrgicos, pondo em validação os efeitos do poder. Reatualizando essa tecnologia de poder, no contexto do NEM, as confissões não se caracterizam mais pelo discurso religioso de outrora, mas foram reconfiguradas segundo o biopoder, enquanto uma estratégia dos efeitos de poder que visam ao assujeitamento<sup>4</sup> do sujeito do NEM, tendo em vista a dimensão do autoconhecimento como estratégia que leva a um governo de si, operando diretamente no processo de constituição da subjetividade.

Diante disso, é possível destacar que as narrativas de si se mostram prolíficas na construção da subjetividade, pois, por meio delas, o sujeito produz um discurso sobre si, sobre as suas verdades, entendendo seus desejos e se reconhecendo enquanto tal. Assim, “[...] a narração não é somente o sistema simbólico pelo qual os indivíduos conseguem expressar o sentimento de sua existência: a narração é também o espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta sua história de vida” (Delory-Momberger, 2011, p. 341).

Cabe pontuar que, quando narramos, materializamos a nossa história de vida, ao mesmo passo que alcançamos outros sujeitos, que, por sua vez, ao ouvirem ou lerem sobre a narrativa do outro, abrem a possibilidade de criar expectativas em se aproximar e se reconhecer por meio da experiência do outro, mesmo que de forma temporária, mas que interage com sua própria construção biográfica de forma pessoal, social, histórica, cultural e imaginária (Delory-Momberger, 2014). Ou seja, desencadeia no sujeito um

---

<sup>4</sup> Por assujeitamento compreendemos que o sujeito é produzido por meio de relações de poder, [...] “o processo de assujeitamento não é a produção de sujeitos puramente submetidos; o assujeitamento é a objetivação, o sujeito tomado como alvo – e efeito – das relações de poder que fazem com que ele seja constituído enquanto sujeito” (Gallo, 2017 p.82).



olhar para si mesmo, para suas experiências, podendo reconhecer na narrativa de outro sujeito resquícios de suas próprias vivências. É possível reconhecer essa prática nos materiais didáticos PV do NEM, por meio da constante incitação a exercitar o autoconhecimento por meio de atividades que sugerem a partilha de narrativas e experiências de vida, colocando em jogo as relações de uma heterobiografia<sup>5</sup> cuja epistemologia ancora-se prioritariamente em aprender com a narrativa do outro.

### **3 As narrativas de si no projeto de vida do NEM: reconhecer-se para planejar o futuro**

Para introduzimos as análises, é válido mencionar que as coleções didáticas analisadas seguem uma estrutura semelhante, dado que buscam apresentar o que é PV, deixando em foco o objetivo do componente curricular, a saber: permitir ao estudante reconhecer a si mesmo, alinhando-se as dimensões pessoais, cidadã e profissional (Brasil, 2018).

Por isso, as regularidades discursivas presentes no material didático do PV seguem essa ordem de abordagem das temáticas e debates, geralmente retratando a dimensão da autobiografia a partir de perguntas como: “quem sou?”, “Para onde vou?”, “Como cheguei até aqui?”, “Onde vivo?”. Essas questões abrem margem para se pensar no papel do PV, de modo a enfatizar a importância do aluno se reconhecer como sujeito, pensar o seu contexto vida e compreender seus anseios e necessidades, para poder elaborar seus planos de carreira e sua possível profissão, tendo em vista que será por meio dos interesses descobertos no processo de autoconhecimento que o sujeito poderá traçar seu PV.

Além do mais, nas páginas iniciais, os livros didáticos convidam os discentes a conhecerem a perspectiva desse componente curricular em enunciados do tipo: “[...] o projeto de vida nos motiva a perseguir nossos sonhos, nos dá energia e coragem para vencer os obstáculos e nos orienta nos caminhos que podemos seguir” (Monteiro, 2020, p.18); “o Projeto de Vida é o mapa dos seus sonhos, o caminho entre o que você é e o que você quer ser. Para construí-lo, você vai se conhecer e refletir sobre seu lugar na sociedade enquanto se prepara para o mundo do trabalho.” (Amendola, 2020 p. 17). Nesses enunciados, é possível sublinhar que se trata de uma maneira de justificar o porquê deste componente fazer parte da formação curricular, assumindo a perspectiva de inovação para

---

<sup>5</sup> Esse termo é compreendido como: “a forma de escrita de si que prática mos quando nos confortamos com a narrativa de outrem” (Dolory-Momberger, 2014, p.58-59).

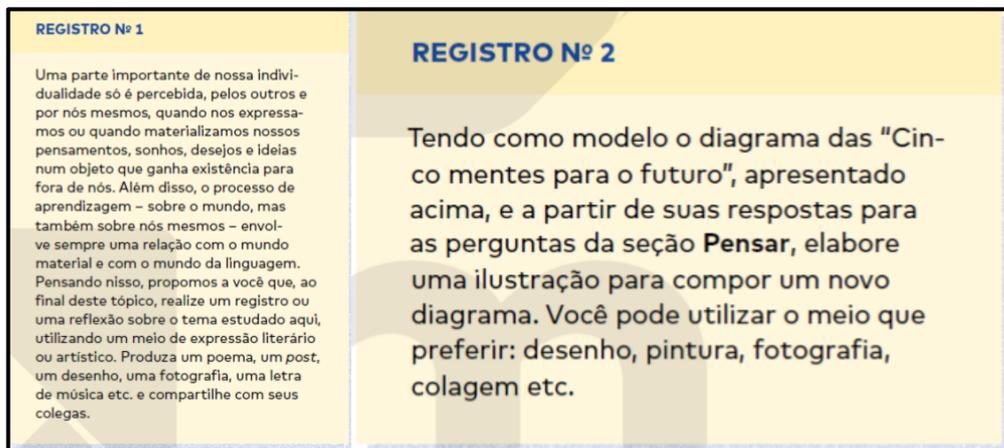
o NEM, na medida em que oportuniza aos jovens serem protagonistas de seus percursos formativos.

O PV desempenha para NEM essa possibilidade de formação do sujeito por meio de sua própria história de vida. Desse modo, os conceitos de narrativa de si e de narrativa de formação integram-se ao princípio de prática de ensino, principalmente, quando observado segundo a perspectiva que defende a narrativa de si como a consagração da formação subjetiva do sujeito (Delory-Momberger, 2011). Nesse sentido, tal perspectiva pode ser identificada, quando o sujeito é promovido a protagonista e gestor de suas bases curriculares, posição que exige uma reflexão precisa sobre si mesmo.

Assim sendo, o jovem do NEM se encontra imerso em uma rede de poderes, que o leva a questionar constantemente sobre o que ele será no futuro, o que nos permite dizer que essas estratégias discursivas derivam da racionalidade neoliberal, dado que esta valoriza a construção de subjetividades autônomas e individuais (Han, 2018). Consequentemente, esse sujeito fará isso por meio da sua autobiografia, de modo a fornecer respostas para as perguntas, como: “quem eu sou?” e “por que deve projetar a vida?”.

Importante ponderar que as coleções didáticas analisadas enfatizam a ideia de materializar o que está sendo trabalhado e isso significa que as atividades orais e debates devem ser registrados nas anotações de cada estudante. Inclusive, algumas coleções sugerem a criação de um diário de anotações, com o intuito de construir um acervo do que foi trabalhado, bem como fazer o estudante reconhecer suas diferenças e similaridades com outros sujeitos, dado que as respostas das atividades e discussões devem ser comparadas com as repostas dos colegas da turma.

Figura 1: Atividade temática



**REGISTRO Nº 1**

Uma parte importante de nossa individualidade só é percebida, pelos outros e por nós mesmos, quando nos expressamos ou quando materializamos nossos pensamentos, sonhos, desejos e ideias num objeto que ganha existência para fora de nós. Além disso, o processo de aprendizagem – sobre o mundo, mas também sobre nós mesmos – envolve sempre uma relação com o mundo material e com o mundo da linguagem. Pensando nisso, propomos a você que, ao final deste tópico, realize um registro ou uma reflexão sobre o tema estudado aqui, utilizando um meio de expressão literário ou artístico. Produza um poema, um *post*, um desenho, uma fotografia, uma letra de música etc. e compartilhe com seus colegas.

**REGISTRO Nº 2**

Tendo como modelo o diagrama das “Cinco mentes para o futuro”, apresentado acima, e a partir de suas respostas para as perguntas da seção **Pensar**, elabore uma ilustração para compor um novo diagrama. Você pode utilizar o meio que preferir: desenho, pintura, fotografia, colagem etc.

Fonte: Monteiro (2020, p. 27-29).

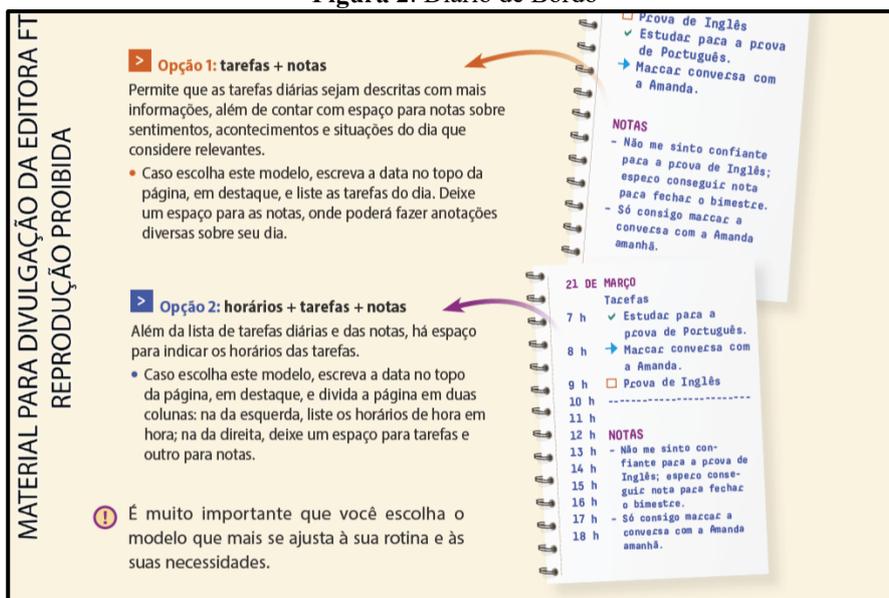
No enunciado, percebe-se que a coleção *Planejando a jornada: um guia para seu Projeto de Vida* sugere um registro da atividade, por meio de um desenho, de uma postagem, de uma letra de música, dentre outras práticas de linguagem, evidenciando, assim, um processo de customização da subjetividade. De acordo com Silva e Estormovski (2023, p. 9), os projetos de vida “[...] se tornam tecnologias pedagógicas que mobilizam [...] subjetividades auto-moldáveis em um cenário de competição permanente e de realização pessoal vinculada ao desempenho e à autossuperação”.

Na coleção didática *#Vivências*, na unidade o que é o projeto de vida?, tem-se um texto que instrui o estudante construir seu diário.

Para iniciarmos a construção de um projeto de vida, é importante ter onde registrar as reflexões, ideias, histórias e avaliações que vamos desenvolver nas atividades apresentadas neste livro. Para isso, você montará um diário. Você vai precisar de vinte folhas de papel sulfite tamanho A4 e barbante (Alchorne; Carvalho, 2020 p.14).

Já o livro didático *#Meufuturo* aponta que o registro de atividades deve ser descrito com mais informações. Nela, o estudante é convidado a registrar além das atividades e reflexões, seus sentimentos e emoções, bem como os horários nos quais realiza as tarefas diárias, visto que é uma forma de agendar a rotina. Com isso, busca-se produzir uma subjetividade vigilante em relação a diversos meandros do sujeito, com vistas a construir um projeto de vida em consonância com tais ideais. Conforme Bernardes e Voigt (2022, p.120), as técnicas de si operadas no PV promovem jogos de verdade e modos de subjetivação, “[...] pois orienta habilidades e competências para a garantia de uma formação e um estilo de vida condizentes com o atual sistema social”.

Figura 2: Diário de Bordo



Fonte: Sassi Junior e Sassi (2020, p. 19).



O registro de si mesmo, das atividades que realiza e dos sentimentos que margeiam a subjetividade pode ser interpretado como uma técnica que permite ao sujeito refletir mais uma vez sobre si, podendo avaliar o que é apresentado e, igualmente, controlar seus horários de atividades e gerir as emoções sobre cada atividade que realiza. Tem-se, desse modo, a construção de uma gestão de si pautada pelo controle, pelo cálculo e pelo autoexame. Conforme enfatizam Dardot e Laval (2016, p. 344-345), “a gestão neoliberal de si mesmo consiste em fabricar para si mesmo um eu produtivo, que exige sempre mais de si mesmo e cuja autoestima cresce, paradoxalmente, com a insatisfação que se sente por desempenhos passados”.

É recorrente nos livros analisados, o emprego de estratégias discursivas em formatos de perguntas que buscam orientar os discentes a elaborarem narrativas de si. Na série de enunciados a seguir, isso fica em evidência.

1. Como eu me reconheço ao olhar minha fotografia na carteira de identidade?
2. Esse corpo com o qual me movimento... como ele é? Posso mudá-lo?
3. Onde começam e terminam minhas emoções? Sei nomeá-las?
4. Se posso aprender, também posso ensinar? Como?
5. Aonde quero chegar? Tenho um plano? (Sessi Junior e Sessi, 2020, p. 11).

Escreva, numa folha de papel sulfite, um texto relatando quem é você hoje. Oriente-se pelas perguntas a seguir:

- Quem sou eu?
- Do que gosto e do que não gosto?
- Quais são meus pontos fortes e em que preciso melhorar?
- Quais são meus sonhos e o que farei para realizá-los? (Fraiman, 2020, p. 13).

Que fatos impactaram sua vida? Por quê?

Reconte uma situação que o marcou. Procure descrever como você a entendia na época e como a entende hoje.

Reveja seus sentimentos. O que sente hoje a respeito desse fato? Como lida com esses sentimentos?

Você tem ou teve de superar obstáculos? Quais? Como fez ou como acha que pode fazer isso? (Campos, 2020, p. 60).

As respostas para esses questionamentos estariam alojadas na história de vida de cada sujeito, o que envolve um trabalho de flexibilidade narrativa, de modo a construir condições para o sujeito projetar, avaliar, pensar, questionar, valorizar e ressignificar o que foi vivido (Passeggi; Cunha, 2020), como modo de compreender e narrar aquilo que representa a sua subjetividade.

No entanto, essas atividades assumem um formato que limita o processo de autobiografia do sujeito, restringindo à criatividade e liberdade do ato de narrar. Sendo direcionado por perguntas, esse formato de produção das narrativas se contrapõe à ética narrativa, pois interrogar, pressionar, silenciar e narrar sob pressão divergem do ponto de vista ético da narrativa de si (Passeggi; Cunha, 2020). Por outro lado, esse modo de



compreender o sujeito condiz com os princípios da educação neoliberal, pois busca entender o modo como cada sujeito se comporta diante de cada situação (Dardot; Laval, 2016). Ainda de acordo com Sousa (2023), trata-se de pensar que o neoliberalismo impulsiona o autoempreendedorismo responsável por requer investimentos e um padrão de comportamento para competir no mercado da concorrência.

Na constituição das perguntas, fica em destaque a ênfase conferida às emoções, de maneira mais específica, levando o discente a reconhecer as emoções, com vistas a manejá-las, a defini-las e a revisitá-las para a construção do projeto de vida, de modo a delinear a autossuperação e a resiliência. Figura nesse material didático o desejo de conduzir os alunos a se reconhecerem como agentes de sua transformação, pela via da administração supostamente racional do componente emocional, como se os sentimentos fossem objetos a serem observados e manipulados (Illouz, 2011). As narrativas de si potencialmente produzidas a partir dessas indagações buscam servir ao propósito de gerir as condutas dos jovens a partir de tais encaminhamentos.

Os afetos, conforme asseguram Piovezani, Curcino e Sargentini (2024), são constitutivos da linguagem humana e, por tal razão, estão atrelados à dimensão histórica, social e simbólica. Para esses autores, os afetos são expressos, engendrados, reforçados ou amainados por meio de diferentes práticas discursivas. No caso dos livros didáticos em estudo, o destaque é conferido à identificação e rememoração de sentimentos que fazem parte das condutas, das ações, do comportamento e das lembranças dos discentes.

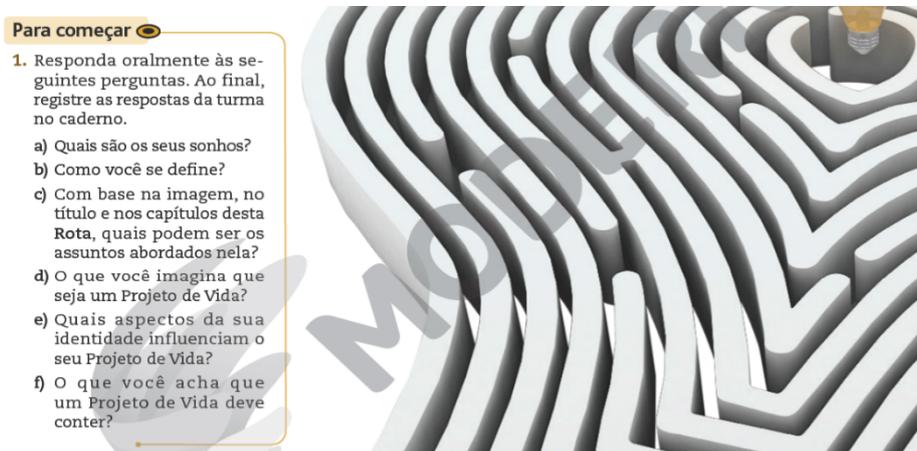
Outro ponto a mencionar dialoga com o pensamento de Pereira e Cabral (2023, p. 6), quando os autores discutem que o sujeito assume inúmeras identidades que são construídas e desconstruídas ao longo das vivências, “[...] o indivíduo é portador de múltiplas identidades e há muitas vozes e vontades que estão muitas vezes em aberta contradição”. Em virtude disso, as estratégias neoliberais recorrem ao narrar a si como forma de emoldurar uma subjetividade passível de ser governada, porque, como já discutimos, quando o sujeito é levado a narrativa de si, ele passa a reorganizar as suas ideias, dar sentido as vivências e define uma melhor representação de sua subjetividade.

A emergência dessa identidade biográfica se dá em confluência com os anseios da racionalidade neoliberal, pois o autoconhecimento e o reconhecimento de uma identidade permite ter acesso a diversas áreas do sujeito: desejos, ideologias, crenças, valores, cuidados com o corpo, mente, espiritualidade, entre outros fatores que promovem o bem-estar e qualidade de vida do sujeito, dado que o neoliberalismo busca conhecer o sujeito para explorar não apenas a sua força de trabalho, mas a sua vida de modo global (Han,

2018). Para Resende (2024, p. 118), “[...] trata-se do gradiente racional que põe em relação o sujeito com o poder que é exercido sobre ele”. Nesse sentido, o sujeito é conduzido a reconhecer em si mesmo as potencialidades que podem aperfeiçoar e, com isso, produzir o seu próprio capital: o capital humano.

A coleção didática *GPS: guia de protagonismo do século XXI* reitera que, por meio do PV, o estudante poderá refletir sobre suas aspirações profissionais, pessoais e outros aspectos que se relacionam com a sua identidade. Dessa forma, a atividade prescrita na coleção questiona a respeito dos sonhos do estudante, como este se define e quais traços de sua identidade se relacionam com o PV.

**Figura 3:** Qual é a minha identidade?



Fonte: Amendola (2020, p. 12).

Essa atividade confronta o estudante a pensar e narrar sobre si, buscando decifrar sua subjetividade, reconhecendo-se enquanto um sujeito que é único e que precisa organizar suas condutas como possibilidade de projetar a vida. Registra-se o uso de uma imagem na coleção que se relaciona com outros discursos, pois a imagem da identificação por meio das digitais recorre a um conjunto de ideias como a identificação pessoal, um registro único e singular de cada um.

Dardot e Laval (2016) ponderam que os interesses neoliberais não buscam reconhecer o sujeito como um todo, pois cada domínio é fundamental para manter viva a ideia de competição e *status*. Ainda, o livro didático reforça que nessa unidade o estudante terá a oportunidade de trabalhar a sua autobiografia como uma expressão artística de sua identidade.

Nesse capítulo, você vai se aprofundar em autoconhecimento e identidade com as atividades Projeto e Oficina, que são apresentadas no início e desenvolvidas com base nas reflexões da seção Foco. Ao final, organizará uma Vivência coletiva para compartilhar suas aprendizagens.

- Projeto: Autobiografia em linguagem artística Expressão da sua identidade e

da sua história por meio da arte.

- Oficina: Clube Cultura juvenil Expressão dos seus interesses e habilidades.
- Foco: Autoconhecimento e identidade, modelos e valores, origem, sentimentos e emoções, interesses e habilidades reflexões sobre aspectos relacionados ao seu passado e ao seu presente e a importância deles na sua identidade.

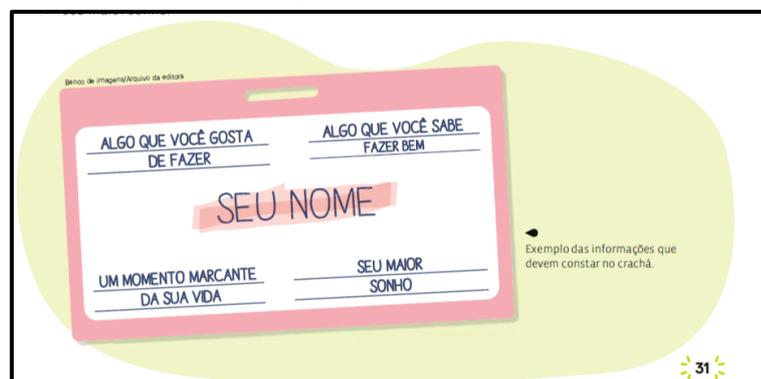
- Vivência coletiva: Exposição sobre as identidades dos jovens

Compartilhamento com a comunidade sobre a sua identidade. (Amendola 2020, p. 13).

A BNCC assume esse posicionamento discursivo, tendo em vista que o protagonismo juvenil constitui um diferencial para o NEM. Assim, quando o sujeito se identifica com essa posição, ele é tomado pelo desejo de transformação de suas condutas, ou seja, assume a construção de uma outra subjetividade. Por isso, esse movimento de materialização das narrativas do estudante é compreendido, nesta análise, como uma forma de vigilância da conduta do sujeito, principalmente, quando notamos a presença da constante necessidade de expor essas anotações com os demais colegas, o que desencadeia, também, uma vigilância coletiva. Ao mesmo tempo, essa atividade pode permitir ao sujeito se construir de forma individual, gerando um desejo de concorrência e de performance. Como lembra Deleuze (2008), na sociedade de controle, o modelo empresarial se sobrepõe ao paradigma disciplinar e, com isso, intensificam-se práticas moduladoras de rivalidade, a partir das quais os indivíduos são contrapostos entre si e no interior de si mesmos.

A coleção #Vivências apresenta uma atividade que evoca a narrativa de si. Tal atividade consiste em criar um crachá e essa tarefa possui uma particularidade, pois o estudante, além de expor elementos comuns – nome e foto – deve explicitar traços de sua personalidade. “Nesta dinâmica, vamos produzir um crachá um pouco diferente: ele será utilizado para identificar características marcantes da sua personalidade” (Alchorne; Carvalho, 2020, p. 31).

**Figura 4:** Crachá do estudante



Banco de imagens/Arquivo da editora

ALGO QUE VOCÊ GOSTA DE FAZER	ALGO QUE VOCÊ SABE FAZER BEM
SEU NOME	
UM MOMENTO MARCANTE DA SUA VIDA	SEU MAIOR SONHO

Exemplo das informações que devem constar no crachá.

31

**Fonte:** Alchorne e Carvalho (2020, p. 31).



Podemos observar mais uma vez o uso de perguntas que instigam o estudante a narrar e a pensar sobre si: “o que você gosta de fazer?”, “o que você faz de bom?”, “um momento marcante de sua vida, positivo ou negativo”. A nosso ver, é uma estratégia de saber-poder, porque conduz o estudante a refletir e construir relatos sobre si e, com isso, construir sua subjetividade. Ainda, a atividade orienta que os estudantes devem se apresentar para os colegas da turma usando seu crachá e, ao final, deve fazer uma autoavaliação, buscando identificar os pontos que teve mais dificuldade em narrar sobre sua personalidade. Além disso, a tarefa solicita que o aluno registre essa dinâmica do crachá em seu diário pessoal.

A busca por quem nós somos também passa pelo reconhecimento de quem fomos no passado: nossas heranças, nossa história, nossas referências. Por isso, afixe em seu diário o crachá que montou para poder revê-lo sempre que desejar, no futuro. Quem sabe algumas coisas terão mudado? (Alchorne; Carvalho, 2020 p.32).

Esse movimento biográfico leva à flexibilidade narrativa, conforme explica Passeggi (2011), uma vez que, quando o sujeito visita o seu passado, realiza algo no presente, tendo em vista suas vivências, e se projeta para futuro. É nesse gesto biográfico que se constrói uma memória biográfica, isto é, momentos, sensações, sentimentos e memórias que emolduram arquivos sobre si, que permitem uma reflexão sobre o que se deseja no futuro.

Referindo-se ainda ao pensamento da autora, vale a pena ratificarmos que o ato de narrar sobre si é transformador, permite dar sentido, efetivar memórias e constituir desejos para nossa subjetividade. Dessa forma, ao acessar o nosso arquivo biográfico, partimos de um lugar reflexivo e que, recorrer a esse arsenal de lembranças para dar sentido ao que narramos, descrevemos ou explicamos. Essas condições biográficas são reapropriadas no esteio da educação neoliberal, pois essa racionalidade demanda formas diversas e sutis de governo, tendo em vista a construção contínua de uma nova subjetividade, de um sujeito que possa se reconhecer como flexível, adepto a mudanças e novas ressignificações de estilos de vida. Nos dizeres de Sousa (2024, p. 72), “[...] o sujeito fica reduzido a uma unificação das formas plurais de subjetividade e, por uma preservação de sua existência, deve ser constituído em um homo oeconomicus empresarial, um empresário de si mesmo”.



#### 4 Considerações finais

Quando pensamos as narrativas de si que margeiam o PV do NEM, fica em relevo que o foco, antes de tudo, consiste em governar a conduta dos estudantes para o atendimento dos desígnios do mercado, pois não se preocupam em colocar o reconhecimento de si como estratégia formativa que permita ao sujeito refletir sobre sua formação, bem como seu trajeto de vida, mas o confronto, colocando suas condutas e vontades enquanto algo a ser repensado, ajustável às necessidades do neoliberalismo, cuja intenção maior é forjar um sujeito tolerante às emoções e mais útil ao sistema capitalista.

Assim, diante do objetivo de analisar como as narrativas de si são mobilizadas para forjar a subjetividade do jovem do NEM, foi possível verificar os interesses que assinalam o ensino médio, definidos desde a construção dos primeiros documentos que sancionaram essa reforma até a efetivação da lei. A relação entre narrativas de si e PV são indissociáveis, pois só é possível projetar, por meio do reconhecimento da própria biografia, permeada por vivências, desejos, sonhos, medos, perspectivas, entre outros elementos que perpassam a subjetividade de cada sujeito.

A mobilização das narrativas, aqui entrevistadas sob o âmbito dos comandos presentes nos livros didáticos, no contexto do ensino médio brasileiro concebe a formação do sujeito alinhada aos ditames da racionalidade neoliberal, engendrando nesse sujeito o desejo pela competitividade e a inserção no mundo do trabalho. Ademais, ao mesmo tempo em que o aluno é posto em confronto consigo próprio, a atividade de reflexão sobre si permite que o jovem se reconheça em meio a um novo contexto de ensino, ancorado na promessa de mudança e realização a partir de um discurso a liberdade de escolha compreendida como uma ideia sedutora produzida pelas políticas neoliberais (Fávero; Centenaro; Santos, 2023).

Desta feita, as estratégias da educação sob o prisma neoliberal valem-se da descrição da história narrada como uma forma de governar as emoções e conduzir os sujeitos para interesses políticos e econômicos. Isso ocorre principalmente, quando pensamos que essas narrativas não esboçam a liberdade em narrar, nem a emergência de práticas de resistência e contracondutas, mas são instigadas por meio de questionamentos e atividades que projetam uma limitada ideia da compreensão de si mesmo, dado que se atrelam a um registro calculista e gerencial. Em síntese, podemos considerar que essas narrativas de si são desvirtuadas de sua função formativa, ao atenderem aos interesses utilitaristas da racionalidade neoliberal.



## Referências

- ALCHORNE, I.; CARVALHO, S. **Vivências** – Projeto de vida. São Paulo: Editora Scipione, 2020.
- AMENDOLA, R. **GPS - Guia de Protagonismo no Século XXI**. São Paulo: Moderna, 2020.
- BERNARDES, A. C. R.; VOIGT, J. M. R. A empresarização escolar: reflexões sobre empreendedorismo e currículo. **Retratos da escola**, Brasília, v. 16, n. 34, p. 111-125, jan./abr. 2022.
- BRASIL. **Base nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Ministério da Educação – MEC, Brasília. 2018.
- BRASIL. **Guia digital PNLD 2021: projetos Integradores e projeto de Vida**. Brasília, Ministério da Educação, 2020.
- CAMPOS, M. T. A. **Tecer o futuro: você, os outros, o mundo ao redor**. São Paulo: Saraiva, 2020.
- CASARA, R. **Contra a miséria neoliberal: racionalidade, normatividade e imaginário**. São Paulo: Autonomia Literária, 2021.
- CRUZ, G. B.; PAIVA, M. M.; LONTRA, V. A narrativa (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa-formação na indução profissional docente. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 6, n. 19, p. 956-972, set./dez. 2021.
- DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2008.
- DOLORY-MOMBERGER, C. **Biografia educação: figuras de indivíduo – projeto**. Tradução e revisão científica Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luiz Passeggi. 2. ed. Natal- RN: EDUFRRN, 2014.
- FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B.; SANTOS, A. P. dos. A liberdade de escolha no Novo Ensino Médio: a percepção de gestores escolares quanto à proposta de flexibilização curricular. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 30, p. e14414, 2023. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/14414> Acesso em: 6 jan. 2025.
- FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.
- FRAIMAN, L. P. **Pensar, sentir e agir: ensino Médio**. São Paulo: FTD, 2020.
- GALLO, S. Biopolítica e subjetividade: resistência? **Educar em Revista**, Curitiba, n. 66, p. 77-94, out./dez. 2017.



ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

HAN, B. C. **Psicopolítica o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução de Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Ayiné, 2018.

LOPES, A. C. Itinerários formativos da BNCC do Ensino Médio: identificações e projetos de vida juvenis. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 39-58, jan./maio. 2019. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/963> Acesso em: 28 out. 2022.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2018.

MONTEIRO, B. **Planejando a jornada: um guia para seu projeto de vida**. São Paulo: Evoluir, 2020.

PAIVA, V. L. M. O. **Pesquisa: projeto, geração de dados, divulgação**. São Paulo: Parábola, 2024.

PASSEGGI, M. C.; CUNHA, L. M. Projetar-se no amanhã: condição biográfica e projeto de vida no novo ensino médio. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 15, 2020.

PASSEGGI, M. C. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**, v.17, n.44, p. 93-113, jan./mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018> Acesso em: 28 out. 2022.

PASSEGGI, M. C. A pesquisa (auto)biográfica em Educação. Princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. In: VASCONCELOS, Maria de Fátima (org.). **Em torno da noção de alteridade**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011. p. 13-39.

PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. As emoções nas ciências da linguagem. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (org.). **O discurso e emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos**. São Paulo: Parábola, 2024. p. 7-43.

RAGO, M. Foucault, o onanismo e a criança. In: RESENDE, H. (org.). **Michel Foucault: o governo da infância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 241-258.

RESENDE, H. Nascimento do neoliberalismo na educação brasileira. **Dorsal. Revista de Estudos Foucaultianos**, [S.I.], n. 17, p. 107-120, 2024.

RUGGIERI, J. P.; VELOSO, L. T. T. O projeto neoliberal nas instituições de ensino representado pela disciplina Projeto de Vida. **Educação em Análise**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 544-572, 2024.

SILVA, M. A. M.; DANZA, H. C. Projeto de vida e identidade: articulações e implicações para a educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.38, e35845, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/YHwg8FxLkwcb7gGSc7QQKKg/> Acesso em: 04 dez. 2023.

SILVA, R. R. D. Trabalho, educação e juventudes: diálogo com o pensamento social de Christian Laval e Pierre Dardot. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/Djs9qcrZ6GxwzY99FH7Pstj/> Acesso em: 06 dez. 2024.

SILVA, R. R. D.; ESTORMOVSKI, R. C. Projetos de vida e a fabricação de subjetividades



monetizáveis: uma crítica curricular ao Novo Ensino Médio no Sul do Brasil. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 30, e14363, 2023.

SOLER, R. D. V.; VAZ, R. A.; RAASCH, P. T.; PACKER, L. D. K.; PITZ E SILVA, M. A. Michel Foucault, a educação e o neoliberalismo. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 38, e37576, p. 1-13, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/35257>. Acesso em: 30 nov. 2022.

SOUSA, K. M. De pastorado a governo das condutas dos homens: estado de menoridade e competição na razão neoliberal. In: BUTTURI JUNIOR, A.; FERNANDES, C. A.; BRAGA, S. (orgs.). **Cartografias do contemporâneo: crises de governamentalidade?** Campinas, SP: Pontes Editores, 2023. p. 213-238.

SOUSA, K. M. Invisibilidades e desigualdades na razão neoliberal: sujeitos de interesse e de direito entre o individual e o coletivo. In: BRAGA, A.; SÁ, I. (org.). **Discursos e desigualdades: cartografar com Foucault**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024. p. 63-90.

SASSI, F. C. O. M.; SASSI JUNIOR, E. **#MeuFuturo: Ensino Médio**. São Paulo: FTD, 2020.

VIANNA, R. B. Educação cosmopolita: o sequestro epistemológico da Educação Integral pelo neoliberalismo educacional. In: SILVEIRA, E. S.; SOUZA, N. C. L. A. (org.). **A política de ampliação do Ensino Médio de Tempo Integral: impactos, sentidos e dilemas do tempo ampliado para as juventudes do Brasil**. Caxias do Sul: Educs, 2024. p. 58-75.

ZANELLA, T. TREVISOL, M. T. C. Projetos de vida e processos de ensino aprendizagem: compreensão dos alunos do ensino médio. **Cadernos de Educação**, [S.I.], v.17, n. 34, 2018.

Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/8928> Acesso em: 28 out. 2022.

**Recebido em:** 14 de janeiro de 2025

**Aceito em:** 1 de março de 2025